

DANÇANDO O PATRIMÔNIO: PRIMEIROS DESAFIOS NO PROCESSO DE APROPRIAÇÃO DA CORPOREIDADE DO SAMBA DE RODA

SABRINA MARQUES MANZKE¹
MÁRIO DE SOUZA MAIA²

1 Universidade Federal de Pelotas – bitamarques@gmail.com

2 Universidade Federal de Pelotas – mariodesouzamaia@uol.com.br

Trabalhar com patrimônio imaterial representa uma oportunidade de colaborar com as ações que visam a salvaguarda destes, visto que é a partir da “sensibilização da sociedade para o reconhecimento da importância desses bens, de trabalhos de divulgação, de formação de públicos e, eventualmente, de inserção econômica, ampliação ou abertura de mercados” (FALCÃO, 2008, p.8), que a consolidação e sustentabilidade desses processos se dá.

Por trazer a experiência de bailarina na Abambá Companhia de Danças Brasileiras, bem como atuação no Núcleo e Folclore da UFPel, a forma como as diferentes expressões coreográficas e culturais são apreendidas em contextos diferentes dos nativos, sempre esteve presente nestas diferentes práticas, especialmente em relação as questões da corporeidade. O que os diferentes movimentos do corpo carregam como informação cultural de quem os cria e produz, e de que maneira são apropriados e (re)significados por grupos de dança de outras regiões. O objeto desta pesquisa recai sobre Samba de Roda do Recôncavo Baiano e os seus sambadores tradicionais, em seus movimentos corporais, intenções e significados da tradicional dança, em outras palavras, sobre os agenciamentos do corpo dentro desta manifestação cultural reconhecida como patrimônio da humanidade.

Em se tratando de bens culturais de um tipo especial, como o imaterial, devemos levar em consideração que trabalhamos com “processos ou bens ‘vivos’, cujo principal repositório é a mente, e cujo principal veículo é o corpo humano” (FALCÃO, 2008, p.7). Assim, tendo o samba de roda do Recôncavo por referência, como bailarinos de outras regiões, informados culturalmente com outros repertórios e com corporeidades regionais se aproximam deste código corporal? O significado que o corpo assume diante da sociedade e suas implicações antropológicas é bastante abordado no trabalho de DAVID LE BRETON (2011, p.41) que parte do pressuposto de que “o corpo é uma construção simbólica sobre o qual incide uma diversidade de saberes e representações, evidenciando que esse só adquire significado com o ‘olhar cultural do homem’”.

O propósito deste ensaio é aprofundar o conhecimento teórico do samba de roda a partir de bibliografia e materiais audiovisuais realizados nos grupos de

¹Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Católica de Pelotas. Mestranda em Antropologia pela Universidade Federal de Pelotas, extensionista do Núcleo de Folclore da UFPel desde 2010, trabalha com a corporeidade e antropologia da performance. bitamarques@gmail.com

²Professor Doutor do Curso de Dança Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas, coordenador do Núcleo de Folclore da UFPel.

sambadores, buscando com uma observação detalhada destes, entender os motivos que os fazem entrar em um samba de roda e expressar seus sentidos através da dança.

Reconhecido como uma das matrizes do notório símbolo nacional, o Samba de Roda possui origens africanas de extrato Bantu formador de boa parte da cultura afrobrasileira. O samba de roda não necessita período ou lugar exclusivo para acontecer. Porém, em algumas festividades ele é indispensável como nas festas tradicionais religiosas, que na Bahia, incluem tanto o catolicismo quanto as afro-brasileiras, além de ternos de reis, bumba-meu-boi e, também no carnaval. Manifestação musical, coreográfica, poética e festiva, a disposição de seus participantes é em círculo ou formato aproximado, por isso o nome *samba de roda*.

Segundo a pesquisa realizada para a composição do Dossiê Iphan – Samba de Roda do Recôncavo Baiano, podemos estabelecer dois grandes tipos: o nativo, mais recorrente em todo o recôncavo, chamado de samba corrido; e o samba chula, que é um tipo que se encontra na região de Santo Amaro e municípios vizinhos, e ainda entre eles pode ter pequenas variantes. Este também pode ser encontrado com os nomes de samba de parada, amarrado ou de viola.

A riqueza desta expressão como bem cultural, encontra-se na sua amplitude. Inclui dança, música, poesia, devoção e ludicidade. Segundo o povo baiano, “a alegria máxima do samba reside em fazer parte dele, em sambar (...) desfrutando o samba de roda através de todos os sentidos, mas também através de ações físicas, as quais transformam, é claro, a maneira como o corpo o percebe” (IPHAN, 2006, p.71).

Desta maneira, podemos levar em consideração que o corpo possui uma bagagem cultural que torna-se parte de como uma sociedade imprime sua cultura e expressões. Sendo assim, através do método etnográfico, pretende-se, em um primeiro momento da pesquisa, uma aproximação a este código cultural, na busca de conhecer as experiências corporais nas sociedades sambadeiras tradicionais. Em um segundo momento, o projeto pretende observar os modos de apropriação do samba de roda, no repertório coreográfico da Abambaé Companhia de Danças Brasileiras. Diferente do que pensa o senso comum, o samba não possui apenas uma forma de dançar, e que esta seria comum em todo o país. Ao se debruçar sobre esta questão, logo percebe-se que as particularidades deste samba são completamente diferentes.

Com foco na corporeidade, na maneira como os atores agenciam seus corpos e expressam seus sentimentos através da dança, a revisão bibliográfica e documental, buscou revelar os elementos técnico-expressivos desta tradição centenária que permeia ritual, religiosidade e ludicidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DOSSIÊ DAS MATRIZES DO SAMBA NO RIO DE JANEIRO: **Partido Alto, Samba de Terreiro e Samba-enredo**. Brasília, DF: Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2007.

DOSSIÊ IPHAN – **Samba de Roda do Recôncavo Baiano**. Brasília, DF: Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2006.

FALCÃO, A.(Org.). **Registro e políticas de salvaguarda para as culturas populares**. 2ed. Rio de Janeiro: IPHAN, CNFCP, 2008.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro/RJ: LTC, 1989.

LE BRETON, D. **Antropologia do corpo e modernidade**. Tradução de Fábio dos Santos Creder. Petrópolis: Vozes, 2011.

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

ZAMBONI, S. **A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência**. Campinas/SP: Autores Associados, 2006.